



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Rebecca Teixeira Gilabert

Encarando a Górgona: a Medusa na Literatura da Antiguidade Clássica

RIO DE JANEIRO

2024

Rebecca Teixeira Gilabert

Encarando a Górgona: a Medusa na Literatura da Antiguidade Clássica

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Grego.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Cristina de Paoli Correia

RIO DE JANEIRO

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

T289e Teixeira Gilabert, Rebecca
Encarando a Górgona: a Medusa na Literatura da
Antiguidade Clássica / Rebecca Teixeira Gilabert. -
Rio de Janeiro, 2024.
34 f.

Orientadora: Beatriz Cristina de Paoli Correia.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Grego,
2024.

1. Literatura Grega Antiga. 2. Mitologia. 3.
Medusa. 4. Antiguidade Clássica. I. de Paoli
Correia, Beatriz Cristina, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

REBECCA TEIXEIRA GILABERT

ENCARANDO A GÓRGONA:
A MEDUSA NA LITERATURA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Grego.

Data de avaliação: 16/12/2024

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Beatriz Cristina de Paoli Correia (UFRJ)

Nota: 10,0

Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (UFRJ)

Nota: 10,0

Média: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:





AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Divino e a toda minha família materna e paterna, especialmente a minha mãe, meu pai e minhas tias Maria Tereza e Maria Izabel, que fizeram, desde meu ingresso nos primeiros anos escolares, o possível e o impossível para que eu chegasse o mais longe que eu pudesse. A Tarita, também, por me apresentar *Cavaleiros do Zodíaco*, que fez eu me apaixonar pelo mundo mitológico.

Em segundo lugar, sou grata aos professores do Colégio Nossa Senhora do Rosário que foram essenciais para que eu escolhesse esse curso tão maravilhoso: Osvaldo Henrique, de Biologia, que me encantava com a etimologia dos termos científicos; Carlos Alberto, de Filosofia, que aguçava minha curiosidade ao contar os mitos gregos de maneira tão cativante e ao escrever palavras em Grego Antigo no quadro; Rodrigo Gomes, com suas aulas inspiradoras de Literatura que me faziam sonhar; e Devson de Assis, de Redação e Língua Portuguesa, que sempre acreditou — e ainda acredita — que eu poderia ser um grande nome em nossa área. Além deles, agradeço também a todos os que sempre me incentivaram nesse colégio, em especial aos professores Jairo Rodrigues, Cássio Marins, Valle Junior e Daniel Braga, que me acompanharam durante o Ensino Médio com um carinho quase paternal, e ao querido inspetor Flávio, que anos depois me apelidaria de “a grega” e me cumprimentaria com um feliz *καλημέρα* quando eu visitasse a escola.

À minha querida orientadora Beatriz de Paoli (e à maravilhosa Fernanda, que me arrancou muitas risadas no desenvolvimento desta pesquisa) e aos demais professores de Grego que fizeram parte da minha trajetória: Pedro Martins, Tatiana Ribeiro, Ricardo de Souza Nogueira, Ticiano Lacerda, Stefania Sansone, Auto Lyra e minha “orientadora adotiva” Simone Bondarczuk, sempre zelando por seus alunos como se fossem seus filhos. Também aos professores de Latim Rafael Frate, pelo incentivo desde meu segundo ano da graduação; Anderson Martins, por me motivar a me tornar uma *docta utriusque linguae*, como tenho vontade; e Kátia Teonia, ícone inspirador que exala a força e a potência da mulher nos estudos clássicos.

Aos amigos que fiz nessa trajetória, em especial Caroline e João Victor, que estiveram comigo do início ao fim; Sabrina, que me ajudou a ter determinação para escrever através de seus “*stories* motivacionais”; Laura, Rafa, Victor, Dju, Mariah, Clara e meus

incontáveis e eternos calouros por enxergarem em mim uma potência que eu nem sempre sou capaz de enxergar; a minha inspiradora veterana Julia e a Eduardo, meu “irmão de orientação” que me ajudou muito com o caminho para a pós-graduação; e Kahleen Ariel, minha dupla de alma, por podermos segurar uma a mão da outra em momentos acadêmicos desafiadores e pelas chamadas de vídeo de apoio nos momentos de escrita de nossas monografias.

A Natan, por me incentivar e compreender minha ausência nos momentos em que precisei me voltar aos compromissos estudantis; a Larissa, por compartilhar comigo não apenas um quarto de república, mas também dicas acadêmicas e surtos; a Merinha e Deinha, por alimentarem meus sonhos e meu estômago; a Diogo Telles, pela parceria e compreensão de sempre; e a Thais, que mostrou ser a amiga mais empolgada com o tema deste trabalho.

“I always was a lower being

Not much, I’m just a beast

You might think I’m the lowest of the low

But there is something you should know”

(Angra)

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 A Medusa em Ovídio.....	12
2 A Medusa em Hesíodo.....	16
3 A Medusa em Píndaro.....	20
4 A Medusa em Ésquilo.....	23
5 A Medusa em Pseudo-Apolodoro.....	27
6 A Medusa fora da Literatura da Antiguidade Clássica: alguns breves exemplos retirados de Giallongo (2019).....	31
Considerações finais.....	32
Referências Bibliográficas.....	33

Introdução

O legado da Antiguidade Clássica, compreendida entre os séculos VIII a.C e V d.C, inspirou muitos artistas durante épocas posteriores, como o Renascimento. E mesmo agora, 1600 anos depois, o universo fantástico de deuses, heróis e criaturas mitológicas continua presente nas mais variadas formas de arte e entretenimento: nos filmes, *Tróia* e *Fúria de Titãs* são exemplos; nas séries, *Xena: a Princesa Guerreira* e *Hércules: a Lendária Jornada*; nas animações, *Cavaleiros do Zodíaco* e *O Sangue de Zeus*; nos jogos digitais, *God of War*, *Assassin's Creed Odyssey* e *Hades*; nos livros, *Percy Jackson e os Olimpianos*, etc. Independente de qual seja o meio, a mitologia greco-romana está sempre ao nosso redor, ainda que não a percebamos ou conheçamos.

Uma das figuras mitológicas mais conhecidas é a Medusa, um monstro com cabelos de serpentes que é capaz de petrificar quem a olhar. Representado inicialmente em vasos de épocas antes de Cristo, o mito de sua cabeça sendo decepada por Perseu chegou até as idades Moderna e Contemporânea, tendo como grandes exemplos as esculturas de Benvenuto Cellini (FIGURA 1), de 1545, e a de Antonio Canova (FIGURA 2), de 1797.

Figura 1 — *Perseu com a cabeça da Medusa*, por Benvenuto Cellini



Fonte: Marie-Lan Nguyen/Wikimedia Commons (2005).

Figura 2 — *Perseu com a cabeça da Medusa*, de Antonio Canova



Fonte: Marie-Lan Nguyen/Wikimedia Commons (2005).

Tempos depois, em 2020, a Medusa novamente ganhou visibilidade em uma ocasião diferente. Após o produtor cinematográfico Harvey Weinstein ser condenado a 23 anos de prisão por crimes sexuais contra mulheres, o movimento “Me too”, protagonizado por mulheres vítimas de violência sexual que expunham seus agressores, ganhou força nos Estados Unidos e no mundo. Como forma de apoio à manifestação, o escultor Luciano Garbati produziu uma estátua (FIGURA 3) curiosa, em que Medusa segurava a cabeça decepada de Perseu. A obra foi instalada em um parque de Nova Iorque próximo ao local do julgamento do produtor. O simbolismo da estátua dá-se através do paralelo do mito com os acontecimentos: Medusa, tendo vivenciado a situação extremamente agressiva de ter sido decapitada por Perseu em um momento de vulnerabilidade, é equiparada às inúmeras mulheres vítimas de violência sexual. Uma vez que elas conseguiram triunfar em sua luta

através da condenação do réu, é como se Medusa também conseguisse se sobrepujar a seu algoz, alterando o rumo de sua própria história manchada por uma injustiça.

Figura 3 — Réplica da *Medusa with the head of Perseus*, de Luciano Garbati



Fonte: MWTB Project/ArtNews (2020)

Mas a decapitação covarde da Górgona não foi o único combustível para a comparação da personagem com as mulheres em questão: segundo o autor latino Ovídio, Medusa era uma linda sacerdotisa de Minerva, que foi punida por ela com a transformação de seus cabelos em cobras após ter sido estuprada por Netuno em um templo da deusa. A culpabilização da vítima é um tema recorrente em debates sobre assédio sexual e violência contra a mulher, o que faz da Górgona uma representação perfeita das injustiças vivenciadas pelo feminino regularmente. O mito ovidiano inspirou o artista plástico Ney Sayão a produzir sua escultura *Medusa* (FIGURA 4), em que os cabelos da personagem, em vez de estarem

metamorfoseados em cobras, estão mutados em pênis, o que mantém em evidência o motivo que levou à transformação: a violência sexual.

Figura 4 — *Medusa*, de Ney Sayão



Fonte: Ney Sayão Atelier/Facebook (2022)

Dessa forma, pode-se dizer que a versão de Ovídio sobre Medusa ganhou maior visibilidade nas últimas décadas, inclusive, por muitas vezes, sendo erroneamente considerada popularmente como “a verdadeira história”. Assim, a presente monografia busca não só refletir sobre esta, mas também resgatar outras versões do mito, datadas de períodos anteriores, a partir de sua representação por outros autores da Antiguidade, como Hesíodo, Píndaro, Ésquilo e Pseudo-Apolodoro.

1. A Medusa em Ovídio

A obra *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, considerada seu *magnum opus*, datada do século VIII d.C., é formada por quinze livros escritos em hexâmetros datílicos, que consiste em um compilado de mitos que abordam, em algum momento, a transformação de seres, como Narciso metamorfoseando-se em uma flor, Dafne tornando-se um loureiro, a tecelã Aracne transformando-se em aranha, entre outros. É nesta obra que é relatado o episódio da violência sexual sofrida por Medusa.

A passagem é encontrada nos últimos versos do livro IV, em que Cefeu, pai de Andrômeda e rei da Etiópia, oferece um banquete após Perseu ter salvado sua filha. Em meio a conversas, o líder etíope pergunta ao herói como havia conseguido obter a “cabeleira de serpentes”. A narrativa segue da seguinte forma:

Conta o descendente de Agenor que, junto ao gelado Atlas,
havia um lugar protegido por uma massa rochosa,
em cuja entrada habitavam as gêmeas Fórcides, que partilhavam
o uso de um olho só; que ele o apanhara furtivamente,
com habilidosa manha, colocando sua mão por debaixo,
quando o olho era passado, e, por ermas e inóspitas regiões
e por rochosos outeiros de eriçadas florestas
atingira a morada das Górgonas; que, por todo o lado,
por caminhos e campos, vira estátuas de homens e animais
mudados do que foram em pedra ao olharem a Medusa;
e que ele vira a figura da horrenda Medusa refletida
no bronze do escudo que segurava na mão esquerda;
e que, enquanto um sono profundo retinha as cobras e a retinha a ela,
lhe cortara a cabeça pelo pescoço, e que Pégaso, o de asas velozes,
e o irmão haviam nascido do sangue da mãe.
Acrescentou os não inventados perigos de sua longa viagem,
os mares e as terras que lá do alto havia visto por baixo de si,

e os astros que havia tocado enquanto voava.
Calou-se, porém, antes do que se esperava. Um dos nobres
toma a palavra para perguntar por que é que, das três irmãs,
apenas uma tinha serpentes misturadas com os cabelos. Responde
o estrangeiro: “Já que perguntas coisas dignas de serem contadas,
eis a razão do que perguntas: famosa por sua beleza,
ela provocou a cobiça de muitos dos nobres, e em toda ela
não havia parte mais digna de admiração do que os cabelos.
Encontrei quem dissesse que a havia visto.
Consta que o Rei do Mar a desonrou num templo de Minerva.
A filha de Júpiter voltou-se e cobriu o casto rosto
com a égide. E, para que o fato não ficasse impune,
mudou os cabelos da Górgona em horrendas serpentes.
(*Metam.* IV, vv. 771-800)¹

Ovídio, através do relato de Perseu, começa dizendo que, antes de chegar às Górgonas, é necessário passar pelas “gêmeas Fórcides”, ou seja, duas irmãs (*geminas sorores*, no original, v. 773) que eram filhas de Fórcis. Seus nomes não são citados. Quando se aproxima da morada das Górgonas, então, ao longo dos “caminhos e campos” (v. 779), Perseu encontra diversas estátuas de homens e animais que teriam se transformado em pedra após terem olhado para a Medusa, indicando que, provavelmente, não era necessário que os olhares de ambos se cruzassem, mas que apenas uma mirada da vítima à criatura já seria suficiente para que ocorresse a transformação. Além disso, tal ponto é reforçado uma vez que Perseu necessita de uma superfície com capacidade de reflexão para decapitar Medusa enquanto dormia — ou seja, enquanto esta mantinha os olhos fechados. Como complemento para essa hipótese, o livro V das *Metamorfoses* também nos dá algumas informações: após uma violenta batalha que ocorreu depois do banquete, Ovídio descreve que “Duzentos homens se converteram em pedra ao verem a Górgona” (v. 209). Curiosamente, após a petrificação, os corpos não eram mutados em pedras quaisquer: “Eram mármore” (v. 214). Ademais, anteriormente, durante o episódio em que Perseu salva a vida de Andrômeda, o poeta mostra

¹ Todas as citações das *Metamorfoses* de Ovídio correspondem à tradução de Domingos Lucas Dias.

que o poder petrificante de Medusa também tem efeito, de alguma forma, em plantas (livro IV, vv. 740-752):

E para que a dura areia não fira a cabeça
coroada de serpentes, atapeta com folhas o chão,
faz uma cama com ramos flexíveis nascidos na água
e sobre eles coloca a cabeça da Medusa, a filha de Fórcis.
Os ramos, acabados de cortar, recolhem em sua porosa
e ainda viva medula a força do monstro, enrijecem ao seu contato
e cobram uma dureza desconhecida em ramos e em folhagem.
As ninfas do mar tentam o prodígio em muitos outros ramos
e exultam por conseguirem os mesmos efeitos.
As sementes destes, espalhadas nas águas, renovam-se
e ainda hoje essa propriedade se mantém nos corais.
Quando em contato com o ar, endurecem; o que dentro
de água era ramo flexível, torna-se pedra ao cimo da água.

Em adição, Ovídio também revela uma curiosa propriedade sobre o sangue da Górgona enquanto Perseu realiza um vôo (livro IV, vv. 617-620):

E quando pairava vitorioso sobre as areias da Líbia, da cabeça
da Górgona caíram umas gotas de sangue. A terra, que as recebeu,
deu-lhes vida sob a forma de serpentes de espécies diversas.
Por isso, aquela terra está cheia e infestada de cobras.

De volta à passagem primeiramente destacada, ao deslocar a narrativa, então, para um passado ainda mais distante, Perseu responde à pergunta do nobre dizendo que Medusa nem sempre teve tal aparência terrível. Por ser muito bonita, com seus cabelos sendo a parte mais esplendorosa de seu corpo, chamava atenção de muitos. Por isso, aparentemente, o “Rei do Mar” (Netuno) se sentiu atraído por Medusa, violentando-a em um templo de Minerva. A

deusa, ao ter conhecimento da situação, puniu a Górgona transformando o elemento de maior admiração de seu ser em serpentes. Não é citado se algo foi feito contra Netuno, que foi o agente da situação, mas infere-se, de acordo com a análise dos mitos gregos (que foram “combinados” com os do panteão romano), que não é permitido que um deus puna outro, com exceção de Zeus. Desta relação, nasceram Pégaso, o cavalo alado, e “o irmão” (v. 785), que não é nomeado ali.

A motivação que levou Perseu a decapitar Medusa não é explicitada no texto original.

2. A Medusa em Hesíodo

Sendo o autor mais antigo (tendo vivido possivelmente entre os séculos VIII e VII a.C.) daqueles trabalhados nesta monografia, o relato de Hesíodo sobre a Medusa é, conseqüentemente, o mais remoto que chegou a nós. Antes dele, a personagem é citada por Homero em um único verso da *Odisseia*, sem muitas informações sobre seu passado ou natureza, mostrando apenas que, de alguma forma, sua cabeça decepada estaria no mundo dos mortos:

mas nesse instante afluiu grande número de almas de mortos,
com tal tumulto, que o pálido Medo de mim se apodera,
de que pudesse a cabeça de Górgona, o monstro terrível,
nesse momento mandar-me de Perséfone ilustre desde o Hades.
(*Od.* XI, 532-535, trad. Carlos Alberto Nunes)

Diferentemente de Homero — e do que vemos na *Odisseia* —, Hesíodo traz, na *Teogonia*, mais detalhes sobre a Medusa, visto que a obra trata de uma narrativa da origem dos deuses. Ao contar sobre divindades da linhagem do mar, o poeta expõe:

Φόρκυϊ δ' αὖ Κητῶ Γραίας τέκε καλλιπαρήους
ἐκ γενετῆς πολιάς, τὰς δὴ Γραίας καλέουσιν
ἀθάνατοί τε θεοὶ χαμαὶ ἐρχόμενοί τ' ἄνθρωποι,
Πεμφρηδῶ τ' εὐπεπλον Ἐνυώ τε κροκόπεπλον,
Γοργούς θ', αἱ ναίουσι πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῖο
ἐσχατιῇ πρὸς Νυκτός, ἴν' Ἑσπερίδες λιγύφωνοι,
Σθεννώ τ' Εὐρυάλη τε Μέδουσα τε λυγρὰ παθοῦσα.
ἦ μὲν ἔην θνητῆ, αἱ δ' ἀθάνατοι καὶ ἀγήρω,
αἱ δύο: τῇ δὲ μὴ παρελέξατο Κυανοχαίτης
ἐν μαλακῷ λειμῶνι καὶ ἄνθεσιν εἰαρινοῖσιν.
τῆς δ' ὅτε δὴ Περσεὺς κεφαλὴν ἀπεδειροτόμησεν,

ἔκθορε Χρυσάωρ τε μέγας καὶ Πήγασος ἵππος.²

E Ceto, por sua vez, de Fórcis, deu à luz as Velhas de belas bochechas, grisalhas desde o nascimento — por isso chamam-nas Velhas os deuses imortais e os homens que caminham na terra —, Penfredo, de belo peplo, e Ênio, de véu da cor do açafraão; E as Górgonas — que habitam além do ilustre Oceano nos confins da Noite, onde [estão] as Hespérides de vozes canoras —, Esteno, Euríale e Medusa, que vivenciou coisas terríveis: era mortal, enquanto eram imortais e de perene juventude As [outras] duas. Junto daquela deitou-se o Cabelos-escuros em prado macio e com flores primaveris — E assim que Perseu decepou-lhe a cabeça, nasceram o grande Crisaor e o cavalo Pégaso.
(T. 270-281, tradução minha)

Assim como nas *Metamorfoses* de Ovídio, Medusa é filha de Fórcis e irmã das “gêmeas fórcides” (v. 773). No entanto, Hesíodo evidencia quem é sua mãe, Ceto, e o nome das duas irmãs, Penfredo (ou Pênfredo) e Ênio. Estas, que não são as Górgonas, são conhecidas como Velhas (plural de γράια, traduzido como “velha” (pessoa ou objeto) ou “mulher idosa”) por causa de seus cabelos acinzentados, característica de indivíduos de idade mais avançada. Além disso, em distinção a Ovídio, Hesíodo nomeia o irmão de Pégaso: Crisaor.

Ademais, também nomeia as Górgonas, que eram três — Esteno, Euríale e Medusa — e revela a localização, de forma um tanto metafórica e de difícil compreensão para quem busca geograficamente mapeá-la, de sua morada: “além do ilustre Oceano/nos confins da Noite, onde [estão] as Hespérides”. Oceano e Noite são titãs que figuram o divino na natureza: segundo Vernant (2000, p. 21), Oceano é “esse cinturão líquido que rodeia o universo e corre em círculo, de tal modo que o fim de Oceano é também seu começo; o rio

² O texto grego corresponde à edição de Hugh G. Evelyn-White (1914), disponível para consulta no site Perseus Digital Library.

cósmico corre em circuito fechado sobre si mesmo”. Ao falar sobre “os confins da Noite” (ἔσχατιῆ πρὸς νυκτός, v. 275), ou seja, os limites da Noite, subentende-se que é necessário que haja algo em seguida, senão não precisaria ser delimitado. De acordo com o Dicionário Grego-Português, a palavra ἔσχατιά pode ser traduzida como “propriedade delimitada pelo mar ou pela montanha”, podendo levar à interpretação, então, que a morada das Górgonas se localiza em uma das duas margens de Oceano: aquela em que faz fronteira com a Noite. De certa forma, a descrição dada por Hesíodo, que denota o quão longe é o local em que as personagens vivem, se assemelha com a de Ovídio: “ermas e inóspitas regiões e por rochosos outeiros de erçadas florestas” (vv. 776 e 777).

Ainda sobre a localização, Hesíodo também nos dá uma informação importante: “onde [estão] as Hespérides de vozes canoras” (v. 275). As Hespérides são divindades filhas da Noite com Érebo, a escuridão, e representam o entardecer, momento de transição entre o dia e a noite. Caldwell (1987, p. 46) parece crer que o “prado macio e com flores primaveris” (v. 279), em que Medusa deitou-se com Poseidon, seja o Jardim das Hespérides. No mito de Hércules, um dos trabalhos que precisa realizar é o de pegar maçãs neste lugar, onde essas divindades moravam. Segundo Pseudo-Apolodoro na *Biblioteca* (2.5.11), Hércules foi até Atlas (citado, inclusive, no mito de Ovídio como um ponto próximo à morada das Górgonas), nos Hiperbóreos, terra mítica no extremo norte da Grécia, e solicitou-o que tomasse as maçãs em seu lugar. Somado a isso, mais uma fala de Vernant contribui para a busca geográfica do local: “À entrada do Tártaro encontram-se as portas da Noite que se abrem para a sua morada. É ali que Noite e Dia se apresentam sucessivamente [...]” (p. 24). Com as informações apresentadas e combinadas, infere-se que a morada das Górgonas, então, se localize em algum ponto da margem de Oceano que se situe cerca dos Hiperbóreos, do Jardim das Hespérides, da entrada do Tártaro e do ponto em que Atlas se encontra.

De volta à descrição das irmãs, Hesíodo passa seu foco à figura de Medusa: das três Górgonas, era a única mortal, enquanto as outras eram “imortais e de perene juventude” (v. 277), ou seja, não envelheciam. Hesíodo não dá detalhes sobre características físicas da Medusa, sobre a presença de traços belos ou monstruosos, diferentemente da descrição de Ovídio; mas se realça o termo “de perene juventude” (ἀγήρω, v. 277), compreende-se que Medusa é o oposto. Um ponto de destaque nestes versos sobre as Górgonas é o aposto utilizado para caracterizar a irmã mortal: “que vivenciou coisas terríveis” (τε λυγρὰ παθοῦσα,

v. 276). O poeta não explicita que coisas terríveis são essas, mas, com o que nos é apresentado na obra, é possível que esteja falando sobre sua decapitação por Perseu. Entretanto, por *λυγρά* ser uma palavra no neutro plural, pode-se inferir que haja uma referência do poeta à totalidade da desgraça sofrida por Medusa, o que não excluiria, a princípio, outros elementos não mencionados.

Adiante, Hesíodo relata, assim como Ovídio, que Poseidon (deus do panteão grego associado a Netuno no panteão romano) é, de fato, um personagem da história de Medusa, evidenciando, também, que os dois tiveram relações sexuais. Caso esse encontro entre os dois tenha sido realizado de forma violenta, contra a vontade da Górgona, Hesíodo pode ter tomado isso como parte da totalidade que compõe as “coisas terríveis” vivenciadas por ela. No entanto, é importante nos atentarmos às palavras utilizadas por cada poeta: Ovídio utiliza *vitiasse* (v. 797), forma do verbo latino *vitio* que, segundo o Dicionário Latino-Português de Ernesto Faria, tem o valor de “corromper”, “violar”, “ultrajar”, “desonrar”, evidenciando a ocorrência de um ato nocivo e contra a vontade de quem sofre. Por outro lado, Hesíodo faz uso da palavra *παρελέξατο* (v. 278), aoristo do verbo *παραλέχομαι*, traduzido como “deitar-se” ou “estar deitado junto de”, que não possui indicadores de violência ou desacordo. Não é possível saber se Hesíodo, nestes versos, faz uso do eufemismo para suavizar o ocorrido, visto que não há outros relatos similares, de um possível estupro, em suas obras para que seja feita uma comparação.

3. A Medusa em Píndaro

Algumas centenas de anos depois de Hesíodo, quem fala sobre a Medusa é Píndaro: tendo vivido no início do século V a.C, o poeta compõe as *Píticas*, odes que exultam vencedores das competições dos Jogos Píticos, competições atléticas e artísticas que ocorriam em Delfos em honra do deus Apolo. Na Pítica XII, datada de 490 a.C, Píndaro celebra Mídas, campeão do concurso de aulo, um instrumento de sopro, e contextualiza como o instrumento foi criado:

αἰτέω σε, φιλάγλαε, καλλίστα βροτεῶν πολίων,
Φερσεφόνας ἔδος, ἅ τ' ὄχθαις ἐπι μηλοβότου
ναίεις Ἀκράγαντος εὐδματον κολώναν, ὃ ἄνα,
Ἰλαος ἀθανάτων ἀνδρῶν τε σὺν εὐμενία
δέξαι στεφάνωμα τόδ' ἐκ Πυθῶνος εὐδόξῳ Μίδα,
αὐτόν τέ νιν Ἑλλάδα νικάσαντα τέχνα, τάν ποτε
Παλλὰς ἐφεῦρε θρασειῶν Γοργόνων
οὐλίον θρηῖνον διαπλέξαισ' Ἀθάνα:
τὸν παρθενίσις ὑπὸ τ' ἀπλάτοις ὀφίων κεφαλαῖς
ἄτε λειβόμενον δυσπενθεῖ σὺν καμάτῳ,
Περσεὺς ὅποτε τρίτον ἄνυσσεν κασιγνητῶν μέρος,
εἰναλία τε Σερίφῳ λαοῖσί τε μοῖραν ἄγων.
ἦτοι τό τε θεσπέσιον Φόρκοιο μαύρωσεν γένος,
λυγρόν τ' ἔρανον Πολυδέκτα θῆκε ματρός τ' ἔμπεδον
δουλοσύναν τό τ' ἀναγκαῖον λέχος,
εὐπαράου κρᾶτα συλάσαις Μεδοίσας
υἱὸς Δανάας: τὸν ἀπὸ χρυσοῦ φαμεν αὐτορύτου
ἔμμεναι. ἀλλ' ἐπεὶ ἐκ τούτων φίλον ἄνδρα πόνων
ἐρρύσατο, παρθένος αὐλῶν τεῦχε πάμφωνον μέλος,
ὄφρα τὸν Εὐρυάλας ἐκ καρπαλιμῶν γενύων
χριμφθέντα σὺν ἔντεσι μιμήσαιτ' ἐρικλάγκταν γόον.³

³ O texto grego corresponde à edição de John Sandys (1937), disponível para consulta no site Perseus Digital Library.

[...]

Peço-te, amante do esplendor, mais bela das cidades dos mortais,
Reduto de Perséfone, que se assenta no cume bem-feito
Nas orlas de Acragas onde pastam as ovelhas, ó senhora,
Que recebas, propícia, com a boa vontade de imortais e homens,
Esta coroa de Pito do renomado Midas
E ele mesmo, que venceu a Grécia na arte,
Aquele que, certa vez, Palas Atena inventou
Ao compor o lamento lúgubre das destemidas górgonas,
O qual Perseu ouviu sendo vertido pelas donzelas
De sob as terríveis cabeças de serpentes
Com amargo sofrimento quando pôs fim à terceira das irmãs.
Conduzindo destino nefasto a Sérifo marítima
Cegou verdadeiramente a linhagem monstruosa de Fórcis.
Pagou tributo funesto a Polidectes [pela] longa escravidão da mãe e [pelo]
leito forçado
Ao decepar a cabeça de Medusa de belas bochechas
O filho de Dânae, que dizem ter nascido de uma chuva de ouro.
Mas quando libertou o querido varão desses sofrimentos,
A deusa virgem criou o timbre dos aulos multifônicos
Para que imitasse com instrumentos sonoros o lamento
Que chegou das vorazes mandíbulas de Euríale.

[...]

(*Pyth.* XII, vv. 1-20, tradução minha)

De acordo com a ode, o aulo foi criado por Atena depois de ouvir os gritos de Euríale ao lamentar a morte da irmã. Embora Medusa não seja o foco do poema, Píndaro, diferentemente de Hesíodo, caracteriza as Górgonas fisicamente em seu poema: as “cabeças de serpentes” (ὀφίων κεφαλαῖς, v. 9) são comuns às três irmãs. Apesar da monstruosidade, o poeta também faz uso do termo “de belas bochechas” (εὐπαράου, v. 16) para descrever

Medusa, o que parece controverso para quem tem contato com o poema. Entretanto, Caldwell (1987, p. 45) esclarece:

[...] “de belas bochechas” é típico da ambivalência que frequentemente caracteriza monstros do gênero feminino no mito grego; as Graias, a Górgona Medusa, a mulher-víbora Equidna e até mesmo as Erínias podem ser bonitas e horripilantes (tradução minha).

Píndaro menciona, assim como Ovídio e Hesíodo, que Medusa faz parte da “linhagem monstruosa de Fórcis” (v. 13). Ele cita, diretamente, apenas as Górgonas, mas nenhuma das Velhas. Apesar de revelar que aquelas são três, mostra apenas o nome de Medusa e Euríale. Em relação às irmãs, um verso curioso é o de número 13: “cegou verdadeiramente a linhagem monstruosa de Fórcis”. Em Grego Antigo, o termo traduzido como “cegar” é o verbo *μαρῶ*, que pode apresentar significados variados: “cegar”, “ofuscar”, “obscurer” ou “enfraquecer”. Nessa tradução, escolheu-se a primeira opção por entender que Píndaro fazia referência às Velhas, visto que, em *Metamorfoses* e posteriormente em *Biblioteca* (ver cap. 5), é evidenciado que Perseu toma para si o olho que as duas compartilhavam.

Apesar de apresentar poucas informações sobre o tema estudado, um outro ponto que chama a atenção é que, diferentemente de Ovídio, que põe Perseu em foco mas não explicita o motivo de ter decapitado Medusa, Píndaro parece fazê-lo (vv. 12-15): Polidectes, o rei de Sérifo, mantinha Dânae, a mãe do herói, sob seus domínios. Para salvá-la, Perseu teria, então, buscado a cabeça da Górgona para usá-la como uma arma imbatível contra o monarca.

Em oposição a Ovídio e Hesíodo, Píndaro não cita Poseidon — e, conseqüentemente, se foi uma relação forçada ou não — e nem os filhos que Medusa concebeu.

4. A Medusa em Ésquilo

Sendo o único representante da poesia dramática dos autores aqui selecionados, Ésquilo é creditado por estudiosos como o autor da tragédia *Prometeu acorrentado*, que teria sido composta entre 462 e 459 a.C., poucos anos depois da Pítica XII de Píndaro. A peça gira em torno do titã Prometeu, que se encontra preso por Zeus como castigo por ter roubado o fogo, que era de posse dos deuses, e tê-lo dado aos mortais. No terceiro episódio, Prometeu, ao conversar com a personagem Io, revela-lhe os perigos que esta iria vivenciar e em que lugar fundaria uma colônia, dizendo que passaria por onde vivem as Górgonas:

ὅταν περάσης ρεῖθρον ἠπείροιν ὄρον,
πρὸς ἀντολάς φλογῶπας ἡλιοστιβεῖς
*
πόντου περῶσα φλοῖσβον, ἔστ' ἂν ἐξίκη
πρὸς Γοργόνεια πεδία Κισθήνης, ἵνα
αἱ Φορκίδες ναίουσι δηναῖαι κόραι
τρεῖς κυκνόμορφοι, κοινὸν ὄμμ' ἐκτημέναι,
μονόδοτες, ἄς οὔθ' ἥλιος προσδέρκεται
ἀκτῖσιν οὔθ' ἡ νύκτερος μήνη ποτέ.
πέλας δ' ἀδελφαὶ τῶνδε τρεῖς κατάπτεροι,
δρακοντόμαλλοι Γοργόνες βροτοστυγεῖς,
ἄς θνητὸς οὐδεὶς εἰσιδῶν ἔξει πνοάς.⁴

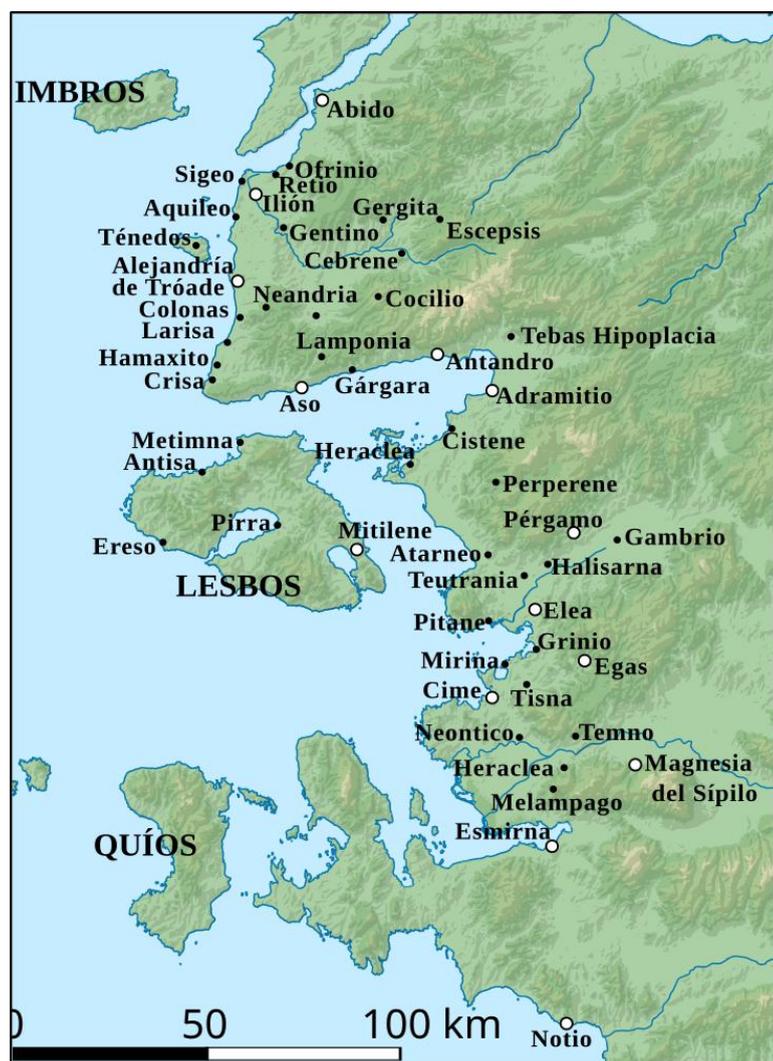
Quando cruzares a corredeira limite das duas terras
Em direção ao rubro leste sopeado pelo sol,
*
Atravessando o turbilhão do mar, até que chegues
às planícies gorgôneas de Cistene — onde
Habitam as três longevas donzelas de Fórcis
em forma de cisne, possuindo um olho em comum,

⁴ O texto grego corresponde à edição de Herbert Weir Smyth (1926), disponível para consulta no site Perseus Digital Library.

Com um único dente — as quais nem o sol contempla
Com seus raios, nem mesmo a lua noturna, jamais.
E próximo destas [estão] três irmãs aladas,
Górgonas de cachos ofídicos, odiosas à humanidade,
As quais nenhum mortal, ao contemplar, manterá o fôlego.
(*PV.* vv. 790-800, tradução minha)

Algo curioso sobre o trecho é que sua abordagem não é, em si, sobre Medusa, mas fala sobre as filhas de Fórcis. O poeta não se volta a uma delas em particular e nem as nomeia, mas refere-se a elas como dois conjuntos: o grupo das “três longevas donzelas” (v. 794) e o grupo das “três irmãs aladas” (v. 798). Apesar de o mito de Medusa não ser o foco, a passagem é rica em informações sobre a localização geográfica de onde vivem as irmãs fórcides, característica encontrada anteriormente em Hesíodo. O dramaturgo cita Cistene, que não parece ser um lugar fantasioso: segundo Norlin (1980), seria provavelmente uma cidade na Ásia Menor. Estrabão, em *Geografia*, descreve-a como uma cidade deserta com um porto, localizada fora do Golfo Adramiteno e do promontório chamado Pirra.

Figura 5 — Mapa topográfico de Ásia Menor - Eólida



Fonte: Rowanwindwhistler/Wikimedia Commons (2019).

Diferentemente de Hesíodo, Êsquilo não cita as Hespérides, mas ambos citam a presença de um corpo de água nas proximidades.:

Habitando em Cistene, estão as “três longevas donzelas de Fórcis” (v. 794), ou seja, as Velhas. Em divergência com Ovídio e Hesíodo, que dizem ser duas, Êsquilo afirma que são três, e em concordância com o poeta latino, que compartilham um olho entre si — mas não só isso: também dividem um dente e possuem formato de cisne.

Próximo às Velhas, então, vivem as Górgonas, que Ésquilo diz terem asas e, em conformidade com Píndaro, “cachos ofídicos” (v. 799), as três. O tragediógrafo não cita diretamente acerca da capacidade de petrificação de Medusa, mas ao dizer sobre as Górgonas que “nenhum mortal, ao contemplar, manterá o fôlego” (v. 800), atribui a característica às três irmãs. Ainda sobre isso, é possível chegar a uma conclusão através da análise sintática do verso: εἰσιδὼν é a forma declinada do particípio εἰσοράω, verbo composto de ὀράω, “olhar”, com a preposição εἰς, “em direção a”. Visto que o verbo é a forma participial εἰσιδὼν (traduzido aqui como “contemplar”), seu agente é θνητὸς οὐδεὶς (“nenhum mortal”) e seu objeto direto αἷς (“as quais”, ou seja, as Górgonas, citadas no verso anterior), infere-se que a petrificação dá-se através do contato visual que parte da vítima em direção às criaturas, não necessitando ser mútuo, em conformidade com o que Ovídio relataria sobre as personagens séculos depois.

5. A Medusa em Pseudo-Apolodoro

A *Biblioteca* é uma coleção de mitos gregos inicialmente atribuída a Apolodoro de Atenas (II a.C.). Entretanto, estudiosos encontraram evidências de que a obra teria sido composta, na verdade, nos séculos I ou II d.C., o que impossibilita a autoria do erudito ateniense. Diz-se, então, que o autor da obra é Pseudo-Apolodoro. A coletânea é um texto extremamente rico em informações, inclusive quando o autor faz referência a Medusa e a personagens que a rodeiam. Pseudo-Apolodoro, por toda a obra, faz questão de mostrar não apenas uma versão dos mitos, mas variadas, que se complementam ou que se opõem.

O trecho que mais fornece informações sobre a Górgona está contido no capítulo 4 do livro 2, que conta sobre a linhagem de Perseu e seus grandes feitos. O capítulo, no início, retrata que o recém-nascido Perseu e Dânae foram jogados ao mar em uma espécie de arca por ordem de Acrísio, rei de Argos, e encontrados na praia de Sérifo pelo irmão de Polidectes, Díctis, que cuidou do menino. Polidectes se apaixonou por Dânae, mas, como Perseu já era crescido, foi considerado um obstáculo. Por isso, o rei ordenou que o jovem trouxesse a cabeça de Medusa sob a justificativa de que seria um presente de casamento para Hipodâmia, filha do rei Enomau. Guiado por Hermes e Atena, Perseu chegou às irmãs das Górgonas (as Velhas), as quais Pseudo-Apolodoro nomeia como Ênio, Penfredo e Dino, anciãs desde o nascimento que compartilhavam um olho e um dente entre si. Ao tomá-los, Perseu disse que seriam devolvidos às irmãs caso lhe dissessem como chegar às ninfas, que lhe forneceria itens mágicos (sandálias aladas, uma *kibisis* — espécie de bolsa — e o elmo da invisibilidade de Hades) para completar seu objetivo. O autor prossegue da seguinte forma:

λαβὼν δὲ καὶ παρὰ Ἑρμοῦ ἀδαμαντίνην ἄρπην, πετόμενος εἰς τὸν Ὠκεανὸν ἤκε καὶ κατέλαβε τὰς Γοργόνας κοιμωμένας. ἦσαν δὲ αὗται Σθενὼ Εὐρυάλη Μέδουσα. μόνη δὲ ἦν θνητὴ Μέδουσα: διὰ τοῦτο ἐπὶ τὴν ταύτης κεφαλὴν Περσεὺς ἐπέμφθη. εἶχον δὲ αἱ Γοργόνες κεφαλὰς μὲν περιεσπειραμένας φολίσι δρακόντων, ὀδόντας δὲ μεγάλους ὡς συῶν, καὶ χεῖρας χαλκᾶς, καὶ πτέρυγας χρυσαῖς, δι' ὧν ἐπέτοντο. τοὺς δὲ ἰδόντας λίθους ἐποίουν. ἐπιστὰς οὖν αὐταῖς ὁ Περσεὺς κοιμωμένας, κατευθυνούσης τὴν χεῖρα Ἀθηνᾶς,

ἀπεστραμμένος καὶ βλέπων εἰς ἀσπίδα χαλκῆν, δι' ἧς τὴν εἰκόνα τῆς Γοργόνας ἔβλεπεν, ἔκαρατόμησεν αὐτήν. ἀποτμηθείσης δὲ τῆς κεφαλῆς, ἐκ τῆς Γοργόνας ἐξέθορε Πήγασος πτηνὸς ἵππος, καὶ Χρυσάωρ ὁ Γηρυόνου πατήρ: [3] τούτους δὲ ἐγέννησεν ἐκ Ποσειδῶνος.

[...]

λέγεται δὲ ὑπ' ἐνίων ὅτι δι' Ἀθηνᾶν ἡ Μέδουσα ἔκαρατομήθη: φασὶ δὲ ὅτι καὶ περὶ κάλλους ἠθέλησεν ἡ Γοργὼ αὐτῇ συγκριθῆναι.⁵

E tendo também recebido de Hermes uma foice de aço, foi voando em direção ao Oceano e surpreendeu as Górgonas adormecidas. E elas eram Esteno, Euríale e Medusa, mas Medusa era a única mortal: por isso Perseu foi mandado em busca de sua cabeça. E as Górgonas tinham as cabeças envoltas por escamas de serpentes, e presas grandes como de javalis, e mãos de bronze, e asas douradas, por meio das quais voavam; e transformavam em pedra os que as olhavam. Então Perseu, tendo se colocado diante das que dormiam, com a mão de Atena guiando, virado [de costas] e olhando para o escudo de bronze, através do qual via a imagem refletida da Górgona, a decapitou. E após cortar a cabeça, nasceram da Górgona o cavalo alado Pégaso e Crisaor, o pai de Gerião. Concebeu-os de Poseidon.

[...]

É dito por alguns que Medusa foi decapitada por Atena: dizem também que a Górgona desejou aproximar-se dela em beleza.

(*Bibl.* 2.4, tradução minha)

Como a *Biblioteca* é uma compilação de histórias, Pseudo-Apolodoro toma como base obras de outros autores. Pode-se ver, claramente, simetria entre os escritos na *Biblioteca* com o que consta na *Teogonia* e/ou nas *Píticas* e/ou em *Prometeu acorrentado*: os nomes das Górgonas, sua ascendência por Fórcis e Ceto, a presença de cabelos de cobra e asas em seus corpos e a capacidade de petrificação após serem contempladas pelas vítimas, a relação entre Medusa e Poseidon, o nascimento de Pégaso e Crisaor, a motivação que levou Perseu a decapitar a única Górgona mortal, a caracterização das Velhas e o roubo de seu olho.

⁵ O texto grego corresponde à edição de James George Frazer (1921), disponível para consulta no site Perseus Digital Library.

Entretanto, outras informações são ligeiramente diferentes dos autores aqui abordados, possivelmente proveniente de obras que não chegaram até nós: o nome da terceira Velha, Dino, a descrição física das Górgonas sobre terem mãos de bronze, presas como de javalis e o dourado das asas, entre outros.

Apesar de Ovídio ser o autor cronologicamente mais próximo de Pseudo-Apolodoro entre os aqui abordados, existem oposições severas em relação às duas obras: a quantidade de Velhas e de Górgonas, a transformação de Medusa em monstro, a caracterização física comum às três irmãs com cabelos de serpentes e a forma que se referem a Poseidon/Netuno.

Em conformidade com a característica da variedade de versões nos mitos descritos na *Biblioteca*, Pseudo-Apolodoro também apresenta, embora brevemente, a variação de que Medusa não foi decapitada por Perseu, mas sim por Atena, após a Górgona ter desejado “aproximar-se dela em beleza” (Bibl. 2.4.3). Na tragédia *Íon*, de Eurípidés, também é possível encontrar relato semelhante: a personagem Creusa afirma que, durante a guerra entre os gigantes e os deuses, Medusa era aliada daqueles e inimiga destes, portanto, Palas a matara:

Κρέουσα

ἄκουε τοίνυν: οἶσθα γηγενῆ μάχην;

Πρεσβύτης

οἶδ', ἦν Φλέγρᾳ Γίγαντες ἔστησαν θεοῖς.

Κρέουσα

ἐνταῦθα Γοργόν' ἔτεκε Γῆ, δεινὸν τέρας.

Πρεσβύτης

ἦ παισὶν αὐτῆς σύμμαχον, θεῶν πόνον;

Κρέουσα

ναί: καί νιν ἔκτειν' ἡ Διὸς Παλλὰς θεά.⁶

⁶ O texto grego corresponde à edição de Gilbert Murray (1913), disponível para consulta no site Perseus Digital Library.

Creusa

Escuta, então: sabes a batalha dos filhos da terra?

Velho

Sei, a que, em Flegra, os Gigantes travaram contra os deuses.

Creusa

Lá, Gaia deu à luz a Górgona, terrível ser monstruoso.

Velho

Aliada dos filhos dela, sofrimento dos deuses?

Creusa

Sim: e a matou a deusa Palas, filha de Zeus.

(*Íon* 987-991, tradução minha)

Em outra seção da *Biblioteca* (3.10.3), o autor fornece uma informação curiosa: outras propriedades mágicas do sangue de Medusa. Enquanto o sangue que fluía das veias do lado esquerdo tinha a capacidade de trazer a ruína aos homens, o sangue que fluía das veias do lado direito tinha a capacidade de salvá-los — e até mesmo de ressuscitar mortos. Isso também é visto em *Íon*, no momento em que Creusa conta que, quando Ericônio era criança, Atena lhe dera duas gotas do sangue da Górgona: uma mortal, que era o veneno das suas serpentes, e outra curativa, capaz de dissipar doenças e alimentar a vida (vv. 999-1015). Essas informações não são encontradas nas obras dos autores anteriormente aqui abordados.

6. A Medusa fora da Literatura da Antiguidade Clássica: alguns breves exemplos retirados de Giallongo (2017)

Apesar de o relato mais antigo sobre a Górgona na Literatura datar do século VIII a.C., pode-se encontrar algumas referências a ela em outras formas de arte. Conforme informações encontradas em *The historical enigma of the snake woman from Antiquity to the 21st century*, de Angela Giallongo, a arqueóloga Marija Gimbutas, por exemplo, escavou o que considerou protótipos da *gorgoneia* (representação da cabeça da Górgona) em esculturas e máscaras de terracota, o que demonstra sua adoração durante o período Neolítico na Europa (7000/6000-3000 a.C.) como uma figura divina.

Fora do mundo greco-romano, curiosamente, referências a Medusa também podem ser encontradas, como em moedas da região da Ásia Oriental desde o século VIII a.C., mesma época de Hesíodo. De acordo com Hopkins (1934), a criatura teria se originado como uma divindade assíria masculina, tendo se transformado em uma figura feminina através de influências ancestrais da antiga região da Líbia, atual Magrebe. Lá, segundo Walker (1983), também era chamada de Neith, Anath ou, curiosamente, Athena. Além disso, algo que pode ter contribuído para a construção das capacidades mágicas da Medusa, de acordo com Frazer (1935), era a crença proveniente de povos primitivos da África de que aqueles que miravam mulheres em período menstrual poderiam ser paralisados através de seu olhar, ou até mesmo que traziam má sorte e eram capazes de paralisar até mesmo cobras com sua sombra.

Considerações finais

De acordo com os dados e interpretações vistos ao longo dos capítulos, chega-se à conclusão de que os mitos são variados, e seus autores, renomados, com conhecimento sobre a cultura da época. Não é possível dizer, diante da versão “canônica” (ou seja, a mais conhecida) de um mito, que esta seja a verdadeira, e as outras, falsas. Os mitos apresentados aqui são narrativas que circulavam na Antiguidade, e como um telefone sem fio, ganharam inúmeras variações ao longo do tempo. Além de evidências de sua origem no continente africano, não é possível saber a primeira vez que o mito de Medusa foi contado na Antiguidade Clássica e qual era seu conteúdo, pois pode não ter sido escrito, já que a literatura, no início, era oral, e não grafada. Apesar disso, não há problema em fazer uso da Medusa como símbolo do movimento feminista — afinal, a versão sobre sua violação existe e foi documentada por um dos maiores poetas latinos de todos os tempos —, mas é necessário ter em mente que os outros mitos sobre a personagem são tão válidos para explicá-la quanto o de Ovídio.

Referências bibliográficas

- AESCHYLUS; HERBERT WEIR SMYTH; LLOYD-JONES, H. **Aeschylus**: with an English translation by Herbert Weir Smyth. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1973.
- APOLLODORUS; FRAZER, J. G. **Apollodorus, The Library**, with an English Translation by Sir James George Frazer. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921.
- ATSMA, A. J. **MEDUSA & GORGONS (Medousa & Gorgones) - Snake-Haired Monsters of Greek Mythology**. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Pontios/Gorgones.html>>.
- Dicionário Latino**. Disponível em: <<https://www.dicionariolatino.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- EURIPIDES. **Euripidis Fabulae**, vol. 2. Gilbert Murray. Oxford. Clarendon Press, Oxford. 1913.
- FRAZER, J. G. **The Golden Bough**. 3ª edição. Londres: Macmillan, 1935.
- GIALLONGO, A. **The historical enigma of the snake woman from antiquity to the 21st century**. Newcastle upon Tyne, England: Cambridge Scholars Publishing, 2017.
- HESIODOS; CALDWELL, R. S. **Hesiod's Theogony**. Cambridge, Ma: Focus Information Group, 1987.
- HESIOD. **Theogony**. Tradução: M L West. Oxford; New York: Clarendon Press, 1997.
- HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A.; EIDINOW, E. **The Oxford Classical Dictionary**. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- ISOCRATES. **Isocrates with an English Translation in three volumes**, by George Norlin, Ph.D., LL.D. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1980.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. DE M. **Dicionário grego-português [DGP]**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

- PINDAR; SANDYS, J. **The Odes of Pindar including the Principal Fragments:** with an Introduction and an English Translation by Sir John Sandys. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1937.
- PUBLIUS OVIDIUS NASO; DOMINGOS LUCAS DIAS. **Metamorfozes.** São Paulo: Editora 34, 2017.
- RIBEIRO, W. A., Jr. **Graecia Antiqua, um portal sobre a Grécia Antiga.** Disponível em: <<https://greciantiga.org/>>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- STRABO. ed. H. L. Jones, **The Geography of Strabo.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd. 1924.
- TAUBER, J. **Perseus Digital Library.** Disponível em: <<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- THE MACMILLAN CO; EVELYN WHITE, H. G. **Hesiod, the Homeric hymns and homerica.** Cambridge: Harvard University Press, 1914.
- VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.
- WALKER, B. G. **The Women's Encyclopedia of Myths and Secrets.** New Jersey: Castle Books, 1983.